

# ARQUIVO MUNICIPAL DE TAVIRA DOCUMENTO DO MÊS



## Epidemias em Tavira

No reinado de D. Afonso V, entre 1453 a 1455, Tavira foi assolada por uma forte peste. A informação consta do traslado das cortes de 1456, onde os tavirenses informam o rei que “em aera de mil equatro Çentos Sincoenta etres em o mês de Janeiro que era começo do anno se começou em esta villa huma muy grande pestillencia pelos pecados nossos edurou em ella doues anos”. Com “temor da morte”, muitos tavirenses fugiram para os arredores deixando casas e fazendas ao abandono.

Em 1522, novo surto epidémico, “fome, e péste grandes: havia Salariados para enterrar os mortos, que se achavão por fora”, segundo se colhe na obra “Politica, moral e civil, aula de nobreza lusitana” (1751, Damião de Lemos Faria e Castro). Esta obra refere também que, entre 1645-1646, por 13 meses, Tavira sofreu outra epidemia, referida como “Peste grande: durou treze meses; morrerão aqui quarenta mil pessoas”.

Em 1833, corria os santos populares em Tavira, nova peste, desta vez uma epidemia de cólera-mórbus. Em 1855, Tavira a epidemia de cólera voltou. Segundo parece esta começou na Fuzeta, depressa passou para Santa Luzia, seguindo-se a cidade de Tavira. A 6 de Agosto já não foi possível fazer sair a procissão de S. Sebastião, programada pela Câmara com a finalidade de pedir ao Santo que livrasse os tavirenses desta doença. Devido ao elevado número de baixas, foi necessário sepultar os mortos na fazenda pegada à Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

No séc. XX, em Abril de 1918, enquanto os tavirenses combatiam nas trincheiras da 1ª Guerra Mundial, combatia-se também outra guerra, a “pneumónica”, ou vulgarmente conhecida como “gripe espanhola”. Esta fatídica epidemia matou só no concelho de Tavira, em pouco mais de um mês, 500 pessoas e durou entre Abril a Dezembro do dito ano.

